

O meu conto de Natal

Há vários anos atrás, era eu ainda menina de dez anos de idade, tive um Natal Feliz, de tal maneira intenso que ainda hoje o recordo com imensa felicidade, o que me leva a partilhá-lo desta forma.

O meu Avô e o meu Pai tinham o seu aniversário no dia de Natal. Ambos tinham exactamente o mesmo nome e os mesmos apelidos, pelo facto de terem nascido no mesmo dia.

Ambos adoravam a família que era numerosa, sendo o meu Pai um dos dez filhos entre sete raparigas e três rapazes.

Era quase impossível juntar esta gente toda na noite de Natal pelas mais variadas razões, mas o meu Avô, já viúvo e com idade avançada, tanto insistiu que lá conseguiu, com a ajuda do Filho, o meu Pai.

Foi de facto uma noite inesquecível.

Ao canto da sala de jantar, mas em grande destaque, um enorme presépio que mais parecia uma cascata.

Havia de tudo, desde montes com ruínas feitas em areia e musgo, até à cabana onde nasceu o menino Jesus.

No monte, não faltavam os pastores com as ovelhinhas e figuras muito curiosas que vinham trazer os seus presentes ao menino que ia nascer. No cimo do monte, uma grande estrela brilhava com raios feitos de fio dourado e cintilante. Na cabana, lá estavam a Nossa Senhora, o

São José, o burrinho e a vaquinha. No centro, a manjedoura coberta de palhinhas. O menino Jesus só era colocado nessa manjedoura à noite quando as crianças já estavam deitadas e chegavam então os três reis magos com os presentes para o menino que ia nascer. Em redor deste presépio, eram colocados todos os nossos presentes que, não sendo muito valiosos, tinham um grande significado.

Não havia árvore de Natal nem Pai Natal, ainda nem se ouvia falar dessas coisas.

As mesas para a ceia foram colocadas em "U", pois éramos muitos. Ao centro, lá estava o meu Avô, com um ar tão radiante que os seus olhos conseguiam brilhar mais que a estrela que estava no presépio. A dar sempre as suas ordens para que tudo corresse na perfeição. Nós crianças sentávamo-nos de ambos os lados dele.

Enquanto se ia enchendo a mesa das mais variadas iguarias, perguntava o meu Avô à medida que as minhas tias chegavam.

- Então Arminda, o leite creme está no ponto? A Aletria quem fez,? foi a Rosária? E tu, Berta, (era a minha mãe) as rabanadas? também fizeste as de vinho e mel? E as fatias douradas? ainda não as vi!

- Foi a Laurinda que ficou de as trazer, como veio do Brasil atrasou-se mais um pouco, mas estão mesmo a chegar. - dizia o meu Pai

Mal acabava de dizer isto, eis-las que chegavam. Os sonhos de abóbora eram a especialidade da tia Laura. Os vinhos eram trazidos pelos homens da casa. Depois lá chegava a "fumeçar" o belo bacalhau, com as batatas e muita hortaliça. O molho de azeite era fervido, conforme a tradição dessa noite.

Era hábito, antes de se começar a degustar a ceia, todos agradecerem a Deus os alimentos, mas nessa noite em especial o meu Avô agradeceu também, por ter conseguido finalmente juntar todos à mesma mesa.

Depois do jantar, os meus Primos mais velhos, que tocavam bem viola, lá tocaram as tradicionais músicas de Natal e todos cantaram em coro, para ajudar a completar a festa.

Todos os netos dormiram lá em casa.

Bem cedo ouvimos o bater da bengala do Avô no chão.

"Vamos, toca a acordar!" (dizia ele) "Os reis magos já chegaram com as prendas e o menino Jesus já está nas palhinhas para as dar!"

A algazarra feita por todos nós era tal e era tamanha alegria que ainda hoje me comovo só de lembrar esses momentos.

No dia de Natal a festa era a dobrar porque se acrescentava a esta os aniversários do meu Pai e Avô.

Foi assim durante alguns anos enquanto o Avô permaneceu entre nós e para alegria de todos o meu Pai deu continuidade a esta tradição até ao fim dos seus dias.

Este espírito de Natal, o da família junta e unida, foi de tal ordem transmitido por eles que ainda hoje juntamos o maior número possível de familiares para assim também em suas memórias celebrarmos essa noite tão especial.

Gondomar 1 Dezembro 2011

Noémia Silva